

Capítulo 13

DISGRAFIA:

UMA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

ESPECÍFICA (DAE)



**DISGRAFIA: UMA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM ESPECÍFICA
(DAE)**

DYSGRAPHIA: A SPECIFIC LEARNING DISABILITY (SAD)

Ana Beatriz Silva Carvalho¹

Luiz Felipe Farias Sousa²

Pedro Henrique Macedo Morais³

Sebastião Aporcino Colares⁴

Mateus de Souza Duarte⁵

Resumo: A disgrafia é um distúrbio do desenvolvimento que afeta a escrita, a coordenação motora fina e a conversão de pensamentos em palavras escritas, no qual o principal problema é a codificação ortográfica. Dessa forma, foi criada uma oficina que objetivasse a elucidação de métodos de ensino inclusivo, como também a criação de materiais pedagógicos para, assim, trabalhar com crianças com essa dificuldade de aprendizagem específica (DAE). Utilizamos, na prática, materiais de custo acessível e de uso comum do ofício pedagógico. A partir desses instrumentos metodológicos foi, portanto, trabalhada a confecção dos “grips”, apoio de mesa, e exercícios lúdicos, buscando, desse modo, trazer

1 Cursando o 3º período de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ-UFAM).

2 Cursando o 3º período de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ-UFAM).

3 Cursando o 3º período de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ-UFAM).

4 Cursando o 3º período de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ-UFAM).

5 Doutorando em Ensino, no Programa de Pós-graduação em Ensino, na Rede Nordeste de Ensino (RENOEN), polo da Universidade Federal de Sergipe- UFS. Bolsista da CAPES e professor da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, Campus Parintins-ICSEZ



novas possibilidades de acompanhar o educando em sala de aula.

Palavras chaves: disgrafia; materiais pedagógicos; inclusivo.

Abstract: Dysgraphia is a developmental disorder that affects writing, fine motor coordination and the conversion of thoughts into written words, in which the main problem is spelling encoding. In this way, a workshop was created that aimed to elucidate inclusive teaching methods, as well as the creation of pedagogical materials to work with children with this specific learning difficulty (DAE). In practice, we used affordable materials that are commonly used in the pedagogical profession. From these methodological instruments, therefore, the making of the “grips”, table support, and ludic exercises was worked on, seeking, in this way, to bring new possibilities to accompany the student in the classroom.

Keywords: dysgraphia; teaching materials; inclusive.

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto que a disgrafia afeta até 10% da população mundial em graus variados e pode afetar tanto meninos como meninas, ela é descrita pela Associação Americana de Psiquiatria (2013) como deficiência na expressão escrita (HUDSON, 2019). Contudo, o educando que possui essa dificuldade de aprendizagem específica (DAE) encontra-se dentro da faixa normal de inteligência, mas o que ocorre na maioria das vezes nas escolas é um atendimento segregado, em que o mesmo é atendido de forma paralela e destituída do processo educacional. Desse modo, são encontradas barreiras na efetivação de uma educação inclusiva em vista do despreparo dos professores para receberem em suas salas essas crianças, como também o fato de não possuírem recursos pedagógicos para trabalhar em cima dessa dificuldade na escrita.



Este trabalho discute as experiências e as atividades realizadas pelos acadêmicos do curso de pedagogia, do 3º período, na disciplina de fundamentos da educação especial, tendo a finalidade de expor as dificuldades e aprendizagens vividas no processo de elaboração da oficina, com a temática: disgrafia.

A oficina abordada teve o intuito de mostrar possibilidades inclusivas para se estar adotando em sala de aula com alunos disgráficos, por meio de materiais pedagógicos que auxiliam na coordenação motora fina, como também exercícios lúdicos que trabalham a legibilidade da escrita.

Com esse ponto de partida estabelecido foi realizado um preparo por parte dos acadêmicos no estudo e pesquisa de métodos para aplicar uma educação inclusiva, para então trazer na oficina proposta, práticas para se trabalhar com crianças disgráficas, envolvendo materiais de baixo custo e de fácil acesso no qual todo profissional de Pedagogia poderia estar adquirindo. Outra questão a ser levada em conta era a forma em que seria aplicada a oficina, em relação ao tempo, ao número de participantes, a metodologia de ensino e a prática de confecção dos materiais que contribuem na formação dos educandos com DAE tema. Para ilustrar a discussão foram escolhidas entre os discentes aqueles que orientaram na confecção dos “grips” e apoios de mesa, com os emborrachados na questão de corte e colagem, e aqueles encarregados na aplicação de abordagens educacionais: forma de posicionar o pulso, a forma de sentar na cadeira, como posicionar os apoios de mesa e como se aplicar exercícios lúdicos.

A proposta desta reflexão é olhar com atenção aos educandos com a Disgrafia na identificação de suas dificuldades e proporcionar uma acessibilidade na inclusão em sala de aula, na facilitação e integração em atividades comuns internas e externas, assim, como a de compartilhar experiências adquiridas em pesquisas e práticas metodologias educacionais.

PERCURSO METODOLÓGICO



O presente trabalho partiu-se na aula de Fundamentos da Educação Especial, com a proposta de realização de oficinas que trabalhassem diversos campos da educação especial e inclusiva, através de jogos, brincadeiras, abordagens metodológicas e materiais que auxiliassem os professores na prática docente, recorrente a educandos com alguma deficiência de aprendizagem.

A organização se deu por meio de planejamento via whatsapp, onde foi criado um grupo com os integrantes do projeto de elaboração da oficina com a temática – Disgrafia, para se debater propostas, compartilhar pesquisas em artigos, links e mídias, assim como direcionar afazeres. O grupo também funcionou como nota de lembrete para reuniões presenciais, as quais foram feitas em recreações da RUNI. Daí, portanto, buscou-se planos de abordagem do assunto que envolvesse tanto a parte teórica quanto a elaboração de materiais didáticos.

Na primeira semana foram trabalhados os conteúdos referentes à pesquisa, nos termos “o que é Disgrafia”, nesse viés, pesquisou-se em sites, artigos, em lojas virtuais, a própria internet proporcionou ferramentas nessa busca, o Google acadêmico e o SciELO as fontes mais acessadas. Buscou-se, também, em lojas virtuais, como a Amazon, a Shopee produtos para auxiliar nessa condição de deficiência da escrita. Nesses espaços foram encontrados os “grips”, que são encaixes para lápis e lapiseiras que aumenta o espaço de pegar, facilitando o manuseio, pois apresenta várias formas de encaixar tanto o polegar como o indicador, também a questão de até ao peso do material poderia ajudar as crianças disgráficas.

Na segunda semana trabalhou-se o projeto de forma analítica: como seriam aplicados os conhecimentos adquiridos, na questão do problema de confecção dos grips, uma vez que a intenção era confeccionar esse material e não comprar, proporcionando um meio para o profissional da educação estar fazendo o seu dispositivo com emborrachado (EVA) de custo acessível e com possibilidade de confeccionar várias unidades. No decorrer da semana surgiram outras propostas e ideias, como a confecção de apoios de mesa, que são elevadores de bancada, que dão, assim, um campo de visão melhor para as crianças disgráficas, e que também facilita no processo de aprendizagem, esses apoios



poderiam estar sendo feitos com um papelão resistente e que também é de fácil aquisição pelo professor. Pensou-se ainda no emprego de atividades para treinar a coordenação motora fina, que, aliás, é afetada pela disgrafia, dificultando o educando de escrever de forma legível, daí a ideia de trazer exercícios pontilhados.

“Mentalizada”, portanto, as propostas para o projeto, com atividades práticas na confecção dos materiais pedagógicos, foi feito um levantamento de recursos para aquisição da matéria prima para a realização da oficina: pistola de cola quente, bastões de cola, EVA com uma textura mais grossa e multicoloridas, caixas retangulares de papelão, régua, tesoura, estilete e canetas. Com essa base financeira, as atividades das semanas seguintes foram desenvolvidas com o objetivo de testar as formas de fazer os grips e os apoios de mesa. Então, o grupo reuniu-se, em um primeiro encontro, na RUNI da UFAM, que é a Residência Universitária da Universidade Federal do Amazonas, para estudar como seria aplicado na sala a prática que envolveria um número relevante de participantes, assim como a função que cada componente do grupo exerceria na hora de se posicionar na oficina, em relação à prática.



Figura 1. Reunião da equipe para confecção dos materiais pedagógicos

Fonte: experiência do autor

Quiçá, buscou-se conceituar a disgrafia como um transtorno de aprendizagem que pode ser

trabalhado por meio de recursos didáticos, com intuito de reduzir o estresse no punho e, assim, melhorar a legibilidade da escrita, e não como uma patologia insolucionável, em que a criança é julgada sem aptidão para a escrita, que possui retardo mental, ou simplesmente “diagnosticada com falta de caligrafia”. Faz-se, então, importante, o papel do professor de valorizar as especificidades da criança, nas manifestações artísticas, linguísticas, manuais, não se esquecendo de ajudar sempre nas atividades que envolve a coordenação motora fina, dando tempo para escrever do quadro, porque quanto mais segura a criança se sentir escrevendo mais ela vai ganhando confiança e progredindo em uma escrita legível. O jornal brasileiro de pediatria destaca que:

A disgrafia motora não afeta a simbolização da escrita, mas sim a forma das letras e a qualidade da escrita. Etiologicamente, a disgrafia se deve a fatores maturacionais, emocionais, pedagógicos ou mistos. Em termos maturacionais, alterações no desenvolvimento psicomotor podem afetar a lateralização, a eficiência psicomotora, o esquema corporal, as funções perceptivo-motoras e a expressão gráfica da linguagem. (MARTINS; BASTOS; CECATO; ARAUJO; MAGRO; ALAMINOS, 2013, p. 71).

Esquemático pelo grupo, somente no segundo encontro aplicou-se a oficina, no qual foi apresentada as propostas, dantes citadas, aos colegas cursistas. Trouxe também modelos prontos de grips e de apoio de mesa como referência de molde e aspecto final. Foi disponibilizado, também, tesouras, pistolas de cola quente, EVAs multicoloridos, isso, com o propósito de atender a todos os participantes da oficina, para que cada um pudesse estar fazendo seu grip. Na primeira parte da aula foi trabalhado a confecção dos grips pelos acadêmicos, que explicaram a funcionalidade e a importância para as crianças disgrafias terem em mãos esse recurso. Então, aqueles que iam terminando de montar o seu grip de EVA já partia para a segunda etapa da abordagem, que era a explicação das formas de auxiliar o educando no modo de sentar na cadeira e a importância de manter os pés cravados no chão,

além disso, utilizou-se os apoios de mesa e os exercícios de pontilhismo para demonstrar as formas de acompanhar a criança em relação a força que ela acaba exercendo na hora de escrever, onde os grips dariam essa flexibilidade, aliviando o estresse no pulso.

Foi trabalhado com uma turma com cerca de dezessete participantes, através de conversa, exibição dos grips, apoios de mesa e os exercícios de pontilhismo, com a finalidade, além de sondar o conhecimento prévio sobre os assuntos abordado, demonstrar práticas metodologias e tecnologias para se trabalhar com a DAE da disgrafia no ensino infantil. Elaborada e aplicada no andamento das atividades, a oficina foi ministrada por 4 (quatro) acadêmicos do curso de Licenciatura em pedagogia: Universidade Federal do Amazonas UFAM, sob a orientação do professor de educação especial Mateus Duarte.

Procedendo assim, cada componente do grupo (acadêmicos da UFAM), conforme as atividades previstas em cada momento do projeto, realizaram o monitoramento em cada área programada: a acadêmica Beatriz Carvalho desenvolveu a orientação de corte dos emborrachados, assim como a supervisão de um grupo; da mesma forma, o acadêmico Sebastião seguiu orientando e supervisionando um segundo grupo; o acadêmico Luiz Sousa desenvolveu a explicação de métodos de empunhadura, na forma correta de sentar-se na cadeira e também demonstrou exercícios que poderiam estar sendo trabalhados com os alunos disgráficos; o acadêmico Pedro Moraes auxiliou também na explicação da metodologia que poderia estar sendo executada em sala de aula, como também fez registros das atividades.

Exposto o projeto, portanto, os acadêmicos participaram das discussões em diferentes momentos a partir da leitura e compreensão de pesquisas.

Considerando-se a prática da oficina com intuito informacional, ela também tinha o propósito de instigar os cursistas a pensar não só acerca das possibilidades de recursos pedagógicos e o conteúdo estrito da disgrafia, mas também sobre as demandas e problemáticas referentes à realidade de escolas, alunos e professores em virtude desse transtorno. De acordo com o jornal de pediatria e a

sociedade brasileira de pediatria:

Na área pedagógica, o ensino inadequado pode acarretar alterações de caligrafia, como instrução rígida, inflexível e forçada nas primeiras etapas de aprendizagem; estabelecimento de objetivos inalcançáveis para a etapa de desenvolvimento da criança (envolvendo exigência de qualidade e rapidez excessivas); e inépcia na identificação de dificuldades da criança e na administração de orientação postural e de exercícios apropriados para prevenir e remediar dificuldades. (MARTINS; BASTOS; CECATO; ARAUJO; MAGRO; ALAMINOS, 2013, p. 71).

Buscou-se, portanto, destacar as possibilidades do docente de intervir, proporcionando um espaço inclusivo aos educandos, neste caso, através dos grips, apoios de mesa, como também na forma de lidar com as crianças disgráficas. Trata-se, portanto, de uma demanda que, às vezes, em função de diferentes fatores, como falta de informação, materiais didáticos, até mesmo por não ter um apoio da escola o professor acaba por não conseguir atender essas crianças com disGRAFIA, e conseqüentemente ela acaba sendo excluída de atividades, e o pior, isolada em um canto da sala de aula.

Na observação participante, buscou-se proporcionar elementos que envolvessem o cotidiano escolar e que trouxessem avaliações, no qual, sempre, o objetivo direcionava-se a relação professor e aluno, na interação, respeito e afeto.

OFICINA DE DISGRAFIA: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Relembrando: a disGRAFIA trata-se de um transtorno na expressão da escrita que afeta de forma manual a legibilidade da letra e a transcrição de pensamentos. Contudo, apesar de afetar a grafia, a capacidade de leitura é normal, sendo que alunos disgráficos possuem uma facilidade maior na ora-



tória em comparação com a escrita. A criança com essa DAE está na faixa normal de inteligência, não apresentando disfunções mentais. De forma geral, esse transtorno afeta principalmente a coordenação motora fina, responsável por atender atividades que requerem precisão. Apesar de demonstrarem uma ortografia prejudicada, essas crianças não possuem entraves na parte lexical, sabendo pontuar as palavras, conjugar verbos, etc. O educando com esse transtorno tem uma dificuldade imensa em direcionar o lápis para formar as letras, uma vez que não conseguem dimensionar a força para escrever, e esse estresse no pulso acaba gerando um aflição na criança que vai cada vez mais se contorcendo e se retraindo na cadeira, podendo ocasionar futuramente problemas na coluna pela má postura.

O professor, por sua vez, deve se manter atento e apto para identificar esse tipo de DAE nas crianças, por que, o contato inicial com atividades escritas acontece, justamente, nos anos iniciais da idade escolar, ambiente onde o professor tem esse primeiro olhar para dar esse diagnóstico, junto ao profissional pedagógico. A esse respeito Hudson (2019) afirma que:

O aluno provavelmente é brilhante e eloquente, mas sempre entrega um trabalho que parece desorganizado e está bem abaixo da qualidade que você esperaria. Se você observá-lo escrever, poderá perceber que o processo costuma ser penoso e sua postura e a forma de segurar a caneta parecem desajeitadas. Ele demora para copiar do quadro-negro ou de um livro e pode reclamar de dor na mão. (HUDSON, 2019, p. 82).

Nesse viés, a primeira atividade proposta foi formar uma roda com os participantes e conversar sobre o que eles já sabiam sobre a DAE da disgrafia, visto que já haviam participado do seminário de apresentação do tema. Para iniciar a oficina utilizou-se dos protótipos dos materiais já confeccionados: grips e apoios de mesa. Nesse sentido, iniciou-se, então, a conversa com base no conhecimento que os cursistas já possuíam de inclusão escolar, de se ter uma sala acolhedora e apta para receber todos os tipos de crianças com suas especificidades. Da necessidade do amparo por parte do professor,

integrando aquele educando em todas as atividades, não excluindo e/ou separando do resto da turma.



Figura 2. Roda de apresentação da oficina
Fonte: experiência do autor

Portanto, foram apresentadas na oficina, possibilidades para se fazer essa inclusão, através dos grips e apoios de mesa, que são meios possíveis de contornar as dificuldades cotidianas do educando em sala de aula, possibilitando, dessa forma, que ele/a acompanhe o restante da turma nos exercícios propostos, de acordo com a ementa referente a série dele/a, participando juntamente com as outras crianças e vivendo a experiência educacional completa e de forma ativa.



Figura 3. Confecção dos grips
Fonte: experiência do autor

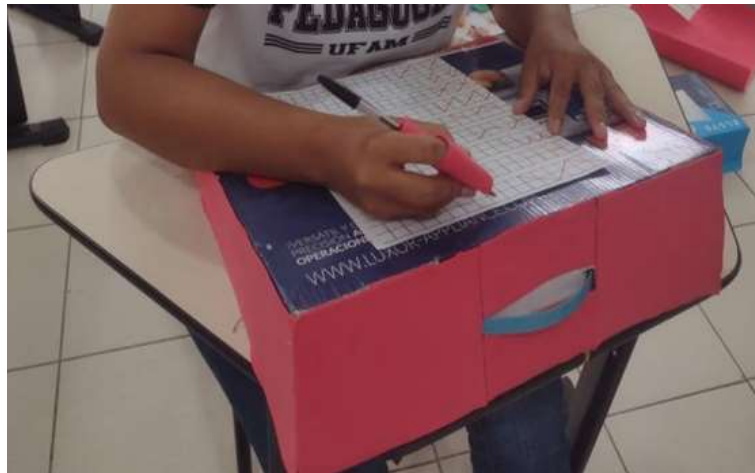


Figura 4. Apoio de mesa
Fonte: experiência do autor

Levando em consideração, também, o papel do professor como mediador, apontou-se, portanto, essa questão, a respeito da forma como o professor deve se portar em uma sala de aula com educandos com DAE da disgrafia. E entender, do mesmo modo, o lado do educando que possui essa DAE. Hudson (2019) aponta características que devem ser atribuídas na relação professor-aluno:

Seja compreensivo, mas também deixe claro que você acha que ele é inteligente e capaz de atingir um alto padrão acadêmico. Tenha consciência de que, para ele, o ato de escrever necessita de concentração extra e, por isso, o aluno não terá condições de entender e processar informações ao mesmo tempo em que escreve. (HUDSON, 2019, p. 85).

A partir disso, entrelaçadas essas questões, que de forma resumida, foram trabalhadas, obteve-se um bom desempenho na interação dos cursistas, na confecção dos materiais pedagógicos para se trabalhar com crianças disgráficas. Houve, também, essa disposição de dialogar, no compartilhamento de informações, e também de experiências, dando ênfase à questão da atual educação e como queremos a educação do amanhã.

Dessa forma, buscou-se repassar, para os presentes na oficina, que não basta só refletir a

questão de se ter acessibilidade nas escolas, mas pensar, também, em inclusão. Pensar naquele aluno que precisa de um orientador que vá auxiliá-lo, que vai entender suas especificidades e de forma igualitária integrar ele/a em todas as atividades e experiências que a vida escolar proporciona, uma vez que é um direito do educando ser ensinado. Nesse sentido, a base comum curricular impõe os objetivos que devem ser cumpridos na educação infantil:

Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. (BNCC, 2018, p. 44).

Pensa-se em educação com a única finalidade de fazer com que o educando aprenda fórmulas e conceitos, no entanto, a educação vai muito além disso. Toda escola tem o dever de formar indivíduos capacitados para viver em sociedade, e para isso, é importante se relacionar, interagir, participar, cooperar, torna-se semelhante ao colega, para que aquele/a criança possa desenvolver, tanto intelectualmente, como emocionalmente, a base para se ter uma vida feliz em meio a sociedade, contribuindo e diversificando com seu modo de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do projeto nos proporcionou articular nossos conhecimentos no campo da DAE da disgrafia aplicada à prática de ensino, vinculada ao contexto da pedagogia da educação especial, na questão do ensino de construção de recursos pedagógicos para auxiliar as crianças disgráficas. Todos os envolvidos, seja como aplicadores ou cursistas tiveram, portanto, um ganho na questão de experiência adquirida. A oficina foi um curso exitoso, tendo em vista as demandas por professores



cada vez mais qualificados e preparados para trabalhar com a diversidade na sala de aula, uma vez que há uma maior identificação no número de crianças com alguma dificuldade de aprendizagem específica. Ou seja, não é que não existia antes essas crianças, mas pelo preparo dos profissionais de educação nas últimas décadas, elas estão ganhando visibilidade.

Percebemos que a relação entre conhecer e ensinar é indissociável, uma vez que aprendemos a aprender, e aprendemos ensinando, através do diálogo, das experiências. Dessa forma, colocamos em ação os conhecimentos adquiridos para obtermos os resultados almejados que era transmitir o conhecimento, e nós obtivemos como acadêmicos essa dimensão, no fato de proporcionar aos cursistas essa elucidação sobre algumas possibilidades de confecção de materiais pedagógicos para trabalhar com crianças com disgrafia, de forma totalmente significativa.

Dessa forma, a experiência vivenciada antes e após a oficina nos fez refletir sobre que tipo de pedagogos queremos ser? Porque não basta só reproduzir aquilo que nos ensinaram a fazer, devemos ser inovadores. Pensar sobre a nossa formação e nossa atuação para uma educação inclusiva, assim, como podemos valorizar as especificidades das crianças no processo de ensino e aprendizagem? E a pergunta principal: que cidadãos queremos formar? Essas questões só foram possíveis serem pensadas a partir da experiência da oficina.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

HUDSON, Diana. Disgrafia. In: HUDSON, Diana. Dificuldades específicas de aprendizagem: ideias práticas para trabalhar com: dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome de Asperger, TOC. Tradução de Guilherme Summa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. E-book.

MARTINS, Marielza Regina Ismael; BASTOS, José Alexandre; CECATO, Angela Traldi; ARAUJO,



Maria de Lourdes Souza; MAGRO, Rafael Ribeiro; ALAMINOS, Vinicios. Screening for motor dysgraphia in public schools. *J Pediatr (Rio J)*. 2013;89(1):70–74.